

A Partida

(Ao meu amigo Joaquim Manoel Simões)

E as sombras curvilíneas dos montes, ao longe, embranqueciam pelos discos nascentes que a alvorada trazia saindo da penumbra como **painel** cênografico à meia luz da ribalta.

O rosicler que purpureava as gelosias de verdura, por aquêles campos a fora, vinha esmeraldar em cada fôlha a baga do orvalho que a noite sacudira; e ao fundo, na lagoa, em esteiras de nenufares, pouco a pouco, o sol se estendia em crispações fulgurantes.

Eram assim as manhãs de inverno próximo: nevavam-se de diafanações alvacentas rociando vapores em açoites de frieza tênue.

Renascia a vida nos matagais cheirosos, onde serpeavam as boninas agrestes, e os galhos secos estalejavam sob as patas do gado que dormia na mata.

Pela estrada os cangalheiros, mal dormidos do arrancho último, passavam a piscar os olhos pequeninos, trocando atrás das azêmolas magriças, enquanto subindo a encosta, caminhava, em chimento de monotonia cáustica, o carro das juntas malhadas e o guieiro gritava ao **mimo-so** e aguilhoava o **pombinho**.

A estrada subia como faixa barrenta, a destacar-se em campo de verde escuro; mas em meio, em torcedura de desvio oculto, nascia a vereda estreita que dava no alto.

Daí, devassava a espessura extensa a casa coberta de palha, e em espraimento de olhares longos, ia-se sarapinhando a verdura — disseminações pardacentas, coberturas de palha dos casebres vizinhos.

A casa do alto era pequena, e as portas baixas de madeira frágil. Assentava na esplanada que lhe fazia ao redor um terreiro amplo de areia negra, e depois, a vegetação alongava-se formando um anfiteatro de bancadas verdes.

Ao lado havia o cercado, que fôra do inverno último, mas ora eivado de plantas daninhas.

Morava ali o Manoel Valentim, que abrira a porta bocejando sono de preguiça audaz, e mostrando ao sol, pela camisa aberta, o peito crustáceo rarefeito de pêlos.

A Rosa, a mulher dêle, já estava de pé; saíra pela portinha detrás, e com o filho acavaletado nos quadris, estava triste encostada ao cercado, de saia roxa e camisa negra de algodão barato.

A Rosa fôra rapariga de morenez bonita, de olhos negros de ônix túmido; mas as olheiras bisadas tinham-lhe pôsto na fisionomia um desconforto e emagrecimento atroz, e depois, aleitava o filhinho, de um ano apenas, raquítico, de pernas acaniçadas e barriga de rotundidade fradesca, onde o umbigo saltava da epiderme em polegada de saimento mole.

Ora, todos sabiam que o Manoel Valentim era um homem vadio, e a espôsa lamuriava a má vida que o marido levava, às vêzes arrepejava-se vociferando imprecações a que o Manoel ouvia, até que a cólera afluindo-lhe em catadupas de perversidade, fazia-o bater na pobrezinha, e ela aconchegando-se ao filho ia soluçando acocorar-se a um canto do terreiro.

Mas o Manoel Valentim era assim de pouco tempo,

porque dantes trabalhava, e com estóico afã; mas depois que se metera de amizade com o João-Magro, o filho da velha Tereza, que morava d'outro lado da lagoa, um peralta de fôrça, renegava o trabalho para noctivagar sambando, e cozer até alto sol as aguardentias bebidas de parceria.

Naquele dia a Rosa amanhecera com anuviações no pensamento, e tenebrosidades de desgostos apreensivos. Ela ouvira, sem perceber, o que o João-Magro dissera no terreiro ao marido, quando aquêle viera deixá-lo à casa já pela madrugada. E João-Magro dissera:

— Então, vais ou não vais? Ao que o Manoel respondeu:

— Homem, não sei... a mulher...

— Qual mulher... mete-lhe os pés...

O João-Magro interrompeu-se, e fizeram silêncio; depois o João tornou:

— Olha, já falei com o homem, e se quiseses quando ouvires o tiro procura-me na cidade.

A Rosa sentiu que o João tinha se ido e que o marido empurrava a porta.

Nessa noite ela não dormira a tirar deduções difíceis. Na ignorância descuidosa daquele viver bestificado, a inteligência queria pensar, mas perdia-se na trevosidade do raciocínio. Naquele todo havia simplesmente os fluidos da sensibilidade; o resto era a marcha metódica da vida funcionando nos limites do organismo.

Mesmo assim, ela chegava a um fim, depois das lutas das locubrações: — era que o marido queria deixá-la; e então, que perspectivas assoberbavam-na!

Sentia-se só, abandonada, perdida, vagando a tôa, sem ter o que dar ao filho, sem ter nada para si; e o que mais, antevendo a morte da criança e a sua própria.

Ela bem sabia o que o marido era, mas queria-o assim, e está dito.

E tinha medo de falar-lhe, com o terror que a idéia lhe imprimira, mas vira o homem à soleira e parecia-lhe que devia sair daquelas dúvidas; refêz-se de valor e veio se achegando ao marido e pôs-se a dizer-lhe, que êle tinha vindo muito mais tarde àquela noite; que a casa estava sem nada para aquêles dias; e o Manoel lançou-lhe um olhar lancinante, e mastigando as maxilas nodosas do rosto ósseo disse-lhe que se arranjasse.

A Rosa sentindo as fervilhações açadas da ira, ia já começando a lançar-lhe uma imprecação torpe, mas parou em meio vendo a atitude hídrica que tomara o marido e por isso, mudando de diapásão, começou em lamentações surdínicas: — Que aquilo não era vida, que ali não se trabalhava mais, que vivia **nua e crua**, que só tinha aquela saia roxa, que o **bixinho** não tinha sequer um retalho para fazer uma camisa; — e pouco a pouco, se exaltando: — mas que a culpa era dêle, que era um vadio, que só queria andar com o João-Magro, na casa daquelas raparigas do outro lado da lagoa; mas que Deus havia de permitir que um raio partisse êle e mais o João-Magro, que era tão semvergonha como êle, que o diabo os carregasse... e não pôde concluir a invocação mefistofélica, o Manoel havia se erguido revólto pela cólera e estendendo o braço ia bater-lhe na face, mas a Rosa pôde desviá-lo, e a manopla brutal passou sibilante por junto dela, e de filho ao colo foi agachar-se a um canto, de cabeça baixa, riscando a areia do terreiro sujo.

Daí uma intermitência na conturbação diária, e o Manoel fôra assentar-se à soleira cuspiendo injúrias de torpeza baixa.

.....

Aquela hora já o sol crispava raios em ardentias de calor penetrante. Os rumorejos próximos traziam sinais de trabalho nos casebres vizinhos, ao mesmo tempo que no espaço em repercussões detonativas ouvira-se um tiro longínquo.

O Manoel Valentim erguera-se brusco e a Rosa olhara-o com atenção fixante.

Ele entrou em casa, foi buscar o chapéu, e sem olhar a mulher ia se pôr a caminho; mas a Rosa correu após ele, que se voltou terrificante, mostrando os lábios grossos fustigados por um riso de sardonismo brutal; e a infeliz, pelo terror daquele rir sinistro, baixou os olhos, enquanto ele desaparecia pela vereda que dava na estrada.

Quando não o viu mais, arrepelou-se tôda, vociferando blasfêmias que a dor fazia nascer, e depois, louca, correu para o filho e abraçada a ele, soluçou por muito tempo; mas ouviu que a chamavam e voltou-se. Viu o João-Magro, o peralta ruim, que lhe deitara o marido a perder, de pé, junto a ela, a bambolear-se cínico e a perguntar-lhe pelo Valentim, e ela sufocada, convulsiva, nada dizia, mas olhava-o com lampejamentos de cólera sofreada.

O João-Magro percebeu e ria-se, a dizer-lhe graças: — Que não valia a pena chorar, que ficasse por cá, que o Manoel ia com ele **práos Purús** ganhar dinheiro e quando voltassem... e a Rosa levantou-se hirta e ele desapareceu na estrada, correndo.

A Rosa ficou aturdida, desvariada pelo choque brusco daquela confirmação atroz; desfaziam-se as últimas trevas que imergiam aquela razão caótica, e levou absorta, depois

como sacudida por uma idéia, sobraçou o filho e tomou o caminho da cidade, meio quilômetro apenas, e onde só havia ido duas ou três vêzes.

Corria pela estrada areenta, inconscisa, vacilante, sem saber a quem devia perguntar pelo Valentim, mas corria sempre, mudando o filho de um braço para outro, suarenta, arquejante, transida de dor e extenuada de fadiga.

Quando entrou na cidade refêz-se de valor e perguntou onde se tirava o **bilhete** para se ir **práos Purús**; disseram-lhe, e ela correu para o escritório da agência; mas ali só encontrou um moço em constante fuzilar de pálpebras, que lhe disse que tinha embarcado muita gente, e quem lhe podia dizer ao certo era aquêlo sujeito, que estava em pé na rua, e tirava as passagens.

A Rosa foi a êle titubeante, e perguntou-lhe se o Mancel Valentim tinha embarcado, e o sujeito com pedantesca arrogância respondeu-lhe que não conhecia, mas que ia ver, e consultou uma lista que tirou da algibeira.

— Manoel Valentim... cá está. —

— E' êsse, é êsse mesmo — gritou a Rosa.

— Pois já embarcou, acrescentou êle, e guardando o papel afastou-se, deixando a Rosa trêmula e confusa, a balbuciar frases à êsmo; mas não desanimou, seguiu rua abaixo, enfrentou o gradeamento do passeio e quando ia transpor o portão gritaram de dentro: — Fora! Fora! Aqui não se entra descalça, vamos, vá se calçar. — Mas vou à praia ver o Manoel Valentim, insistiu ela. — Pois aqui não é passagem, acrescentou o guarda, rodeie, se quiser.

A Rosa rodeou e desceu o rampamento. Viu na praia um grupo cercando a jangada prestes a largar e correu

para ela delirante com os olhos negros, chispando chamadas de alegria íntima.

O Valentim estava sentado na jangada mais o João-Magro a chacotearem rindo, a Rosa os vira e corria, corria sempre, mas quando perto, bem perto, ia já gritar-lhe: — Valentim! Valentim! — a jangada impulsionada roçou na areia em atrito surdo, e deslizou ao encontro da onda que vinha caminhando em corcovos de impetuosidade indômita, galgou o quebramento rodopiando brusca, e depois, atirou-se sobre o espelho esverdeado das águas, enquanto a onda a farfalhar espumas vinha espreguiçar-se na areia esbranquiçada do combro.

A Rosa ficou em petrificação, extática, a acompanhar com o olhar vago, bestificado, a jangada que fugia lesta; depois, sentiu percorrerem-lhe o corpo fervilhações em rápidos estremecimentos, e os lábios se lhe desprenderam em gargalhadas de estridência longa e insonora; mas zumbiram-lhe os ouvidos, os joelhos vergaram, e na transição do desvariamento dorido, caiu sentada com o filho ao colo a soluçar estrepitosa, enquanto a criança, pela queda que a camisa fazia, triturava com os dedinhos magros as tetas negras daqueles seios fulvos.